

Duelo se trava nos bastidores da TV

RUY FABIANO

O duelo mais empolgante, hoje, na sucessão presidencial, desenrola-se longe das vistas do eleitorado. Os personagens: Mário Covas, do PSDB, e Fernando Collor de Mello, do PRN. A plateia: a classe dominante brasileira, onde despontam Rede Globo de Televisão, Fiesp e alguns antológicos personagens virtuosos em invisíveis articulações de bastidores, como o advogado Jorge Serpa.

Em jogo, o apoio do empresariado nacional — que representa para o escolhido um passaporte para o segundo turno. Collor, até o final de junho, reinava absoluto não apenas nas pesquisas, mas também junto aos empresários. Desde o famoso discurso de Mário Covas no Senado, dia 28 de junho — em que propôs “um choque de capitalismo” para o Brasil —, o quadro mudou. Collor, ainda liderando com folga as pesquisas, passou a ter um rival. E um rival articulado. Em consequência, está alarmado.

A história dessa reviravolta é uma longa e paciente gestação, que passa pelo gabinete do, todo-poderoso, diretor-presidente da Rede Globo, Roberto Marinho, envolve governadores de estado e inclui mesmo o estigmatizado Serviço Nacional de Informações (SNI) — só que, desta vez, num surpreendente papel: o de sãco de paradas.

NÃO É O QUE PARECE

A indignada reação de Fernando Collor ao aparecimento de grampos nos telefones de seu comitê de campanha — grampos que, segundo ele, foram ali postos pelo SNI — faz parte do script que o candidato escolheu para marcar sua reação. Não é a primeira vez que faz do SNI carro-chefe de seu discurso eleitoral. Antes, prometera extingui-lo. Depois, silenciou. Agora, diante dos primeiros registros de queda nas pesquisas, volta a atacar o órgão.

Essa, pelo menos, a interpretação de sua atitude entre os políticos e a própria cúpula do SNI. “Todos os comitês devem estar grampeados”, informa um alto funcionário do SNI, lembrando que, numa disputa sucessória, trava-se “guerra total”. Só que, garante, o SNI nada tem a ver com isso. A espionagem teria como autores os próprios comitês concorrentes.

E possível, embora seja difícil imaginar o SNI indiferente ao assunto. De qualquer forma, o comitê de Collor possui, há semanas, um aparelho misturador de vozes, para interceptar escuta telefônica. Curioso que se o tenha instalado após o discurso de Mário Covas. Pelo menos, a partir daí, pôs a tona um duelo.

O DISCURSO

O belo discurso com que Covas se lançou, de tribuna, candidato à Presidência é uma obra singular, não propriamente em função de seu conteúdo, uma bela peça de oratória, coerente e clara. Um discurso que propõe o retorno (ou melhor, o ingresso) do Brasil à economia de mercado (o tal “choque de capitalismo”, que chocou as esquerdas do Partido PSDB).

Que torna o discurso especial é a circunstância de ter sido a peça lite-

rária com mais autores por centímetro quadrado em toda a história. Proporcionalmente, tem mais autores que a Bíblia. Sabe-se que, entre seus redatores, estão Fernando Henrique Cardoso, Hélio Jaguaribe, José Serra, Afonso Arinos e outros pesos-pesados da *intelligentsia* nacional (dizem que até o próprio Covas). Cada qual deu seu palpite litero-ideológico, buscando a acrobacia máxima: satisfazer as esquerdas e, simultaneamente, obter o apoio da Fiesp e da Rede Globo.

A mágica foi parcialmente alcançada graças à entrada em cena de um tarimbado personagem: o advogado e lobbista Jorge Serpa. Amigo de presidentes (pelo menos desde Jango, passando pelos governos militares), o grande patrimônio pessoal de Serpa é ser “o amigo do dr. Roberto”. O “dr. Roberto”, no caso, é o todo-poderoso dono da Rede Globo, Roberto Marinho. E o que estava em jogo, com o discurso, era justamente a conquista do apoio daquele empresário. Serpa, segundo se infôrma, deu a versão final ao texto (possivelmente, quem sabe, terá sido introdutor da expressão “Choque de capitalismo”, usada com frequência e precedência nos artigos dominicais do senador Roberto Campos).

ANTECEDENTES

A história começa bem antes, quando as sucessivas pesquisas de opinião exibiam saúde incontestável da candidatura Collor. Setores da Fiesp — a começar por seu presidente, Mário Amato — mostravam-se insatisfeitos com a aparente inevitabilidade de Collor. Consideravam-no imaturo, despreparado e, o que é pior, não confiável (e não exatamente por razões ideológicas, mas, ao contrário, pela ausência de conteúdo nessa área).

Não era só. Argumentava-se que, ainda que se relevassem as deficiências do candidato, era necessário dispor de pelo menos mais um nome, como alternativa para a eventualidade de *queimação* do candidato. Pensou-se em Guilherme Afif Domingos. E chegou-se a ensaiar algo em favor dele. Afif, porém, não conseguiu convencer um personagem decisivo: Roberto Marinho. E, segundo o raciocínio em voga, sem Rede Globo não se fabrica um candidato.

Éis que surge o nome de Mário Covas, que há tempos, através de amigos, tentava romper a cortina de indiferença do empresariado. Covas, na verdade, estava *queimado* no meio, desde a Constituinte. A queixa que havia — e que, de certa forma, continua havendo e responde pelas resistências que ainda existem a seu nome — relaciona-se ao episódio da montagem da famosa Comissão de Sistematização, o turbulento prelúdio da Constituinte, que aprovou o parlamentarismo, mandato de quatro anos e disseminou espírito assistencialista que impregnaria a futura Carta.

Covas, eleito líder do PMDB em oposição ao candidato de Ulysses Guimarães (deputado Luis Henrique), teria traído seu principal eleitor: a corrente moderada do partido, que se aglutinava numa facção denominada Centro Democrático (embrião do futuro Centrão).

Ao constituir a Comissão de Siste-

matização, indicando parlamentares majoritariamente de esquerda, Covas torna-se, então, *persona non grata* à Fiesp, Rede Globo e adjacências. E excomungado pelos moderados do PMDB e, na sequência dos acontecimentos, termina a Constituinte fundando o PSDB, inicialmente um partido formado por esquerdistas e progressistas (conceitos que, hoje, já não são sinônimos, pelo menos para o PSDB).

A ARTICULAÇÃO

Ao constatar o crescimento de Collor, apesar de todas as evidentes associações entre o candidato e o chamado sistema (Rede Globo, empresários, políticos conservadores), o alto comando do PSDB sentiu que não bastava um discurso progressista para que o candidato decolasse.

Era preciso um arco mais abrangente de alianças, que abrisse as portas do circuito da mídia eletrônica nacional e, ao mesmo tempo, fizesse aterrissar, nos cofres do comitê, recursos mais substantivos para a campanha.

Dai para que o nome de Covas fosse levado à consideração do alto comando da Fiesp, passasse por conversas com altas patentes militares, circulasse por rodas de políticos conservadores e, finalmente, aportasse no majestoso gabinete do empresário Roberto Marinho, não se passou muito tempo.

Dias antes do famoso discurso, o governador do Ceará, Tasso Jereissati (ainda no PMDB, mas jamais com a candidatura Ulysses, de quem tem mágoa pessoal, desde que o vetou para ministro da Fazenda de Sarney, após a saída de Funaro), procurou Roberto Marinho. Tasso, além de político articulado, é empresário próspero, estabelecido não apenas no Nordeste, mas também no decisivo eixo Rio-São Paulo.

Coube-lhe pedir ao dono da Rede Globo um crédito de confiança a Covas, lembrando-lhe que não basta um candidato popular. E preciso, para as dimensões da crise brasileira, alguém que, além de reputação inatacável, inspire qualificação e competência. Tais qualidades, como é óbvio, o governador do Ceará não vê no candidato do PRN.

O que o diretor-presidente da Rede Globo disse, não se sabe. Sabe-se que, a partir de então, o noticiário em torno da candidatura Covas passou a ocupar mais espaço nos noticiários dos veículos do grupo — o jornal *O Globo* e a TV. E Covas passou a gozar de um privilégio até então reservado a Collor: ter suas declarações, de viva voz, postas no ar, no *Jornal Nacional*.

Quanto a seu famoso discurso, recebeu de *O Globo* reprodução na íntegra. Dias depois, o jornal do dr. Roberto estampava em manchete, pela primeira vez, a queda de Collor nas pesquisas. Na sequência, Covas, dobrando as esquerdas de seu partido, escolhe um conservador para vice — o ex-governador Roberto Magalhães.

A partir daí, Collor passou a sancionar o SNI e sua assessoria a denunciar “um complô” da Rede Globo para eleger Mário Covas. Mais um capítulo movimentado, no jogo de aparências da novela da sucessão presidencial.